

UMA NOITE COM ALLEN GINSBERG

O dia era uma segunda-feira, 11 de Novembro de 85. A hora, às oito da noite. O lugar, Campbell Hall, uma larga sala podendo conter quase mil almas, no campus da Universidade de Santa Bárbara, Califórnia. Há mais de um mês que por toda a parte, dentro e fora do campus, se podia ver a fotografia de um homem levemente estrábico, usando óculos, perdendo o cabelo numa antecalva, os pêlos da barba grisalha, para não se dizer brancos. Esboçava entre os seus lábios grandes um sorriso quase possível. Vestia, tanto quanto se podia ver, um fato, uma camisa branca e uma gravata. Os óculos faziam lembrar um outro famoso estrábico, Jean-Paul Sartre. Este homem, cujo retrato flutuava em departamentos e paragens do autocarro em Isla Vista, vizinha da cidade universitária, chamava-se Allen Ginsberg. Era um poeta. Viria passar uma noite, a de 11 de Novembro, conosco, dizendo poemas.

Nesse mesmo dia lá estava eu. Conheço mal a obra de Ginsberg, soube de cor os primeiros versos do seu conhecidíssimo UIVO, **I saw the best minds of my generation...** e assim de seguida. Na altura, quando li o poema, achei que só o primeiro verso valia tudo. O resto era encher o branco terrível do papel que sobrava. E estes poetas americanos sem dúvida escreviam à máquina, para tanto tinha chegado a tecnologia contemporânea!

Cheguei meia hora antes, com medo das enchentes. E tinha razão, porque a sala encheu-se completamente e muitos estudantes e professores ficaram de fora. Na sala havia de tudo. Desde um professor de português, que era eu, passando por uma senhora doutora também portuguesa e amiga, para quem estas coisas têm que ser vistas num espírito de curiosidade e de vivacidade intelectual, e os demais, ademais americanos, muitos deles, os estudantes, tão estrangeiros como eu, vivendo a milhares de milhas (já que o país é os Estados Unidos!) das suas terras natais, e fauna local, com ar de artistas, de professores, de gerações que fizeram a cultura deste país nos últimos 50 anos. Estávamos todos lá. Expectantes, uns mais do que outros, pois certamente muitos dos que se sentavam naquela sala já teriam visto mais de uma vez este poeta, que costuma, como outros, passar de campus em campus a levar a boa nova. Eu queria saber o que era ser-se poeta e americano, e em tal contexto, o universitário.

Esperámos talvez uma meia hora, como se deve, vendo pessoas passando pela cena, trazendo isto ou aquilo, pondo uma cadeira aqui, uma outra ali, o microfone, os microfones, etc. Chegou a altura de um senhor anunciar o convidado da noite. Fê-lo muito brevemente, e foi conspícua a presença no seu diminuto discurso dos COLLECTED POEMS, que, ao que parece, pressupõem aqui a consagração de qualquer poeta. Pois Ginsberg também já os tinha. Que bom!

Aparece finalmente o homem (que chatice, como anunciar um declarado homossexual!), que vem, cambaleando, até ao microfone. Junta-se-lhe na cadeira ao lado um estudante e músico, com sua guitarra acústica apontada para o escuro da sala. Mas o homem levanta-se novamente, explica que se esquecera ou se esqueceram do bule de chá, e lá foi buscá-lo. Trouxe-o, pô-lo silenciosamente sobre uma pequena mesa anã, acendeu um daqueles pauzinhos que se acendiam pela Europa nos anos 70 e que larga um fumo flutuante e cheiroso. Não direi se bem ou mal. Estava tudo pronto. A sessão consistiria, segundo as suas palavras, de duas partes: a primeira, leitura de poemas já coligidos nos tais **Collected Poems**, com canções de

permeio, e ele enumerou-as: blues, country, folk e material oriental, mantras, parece-me que foi o que ouvi. A voz é profunda, e bastante agradável.

A segunda, de material mais recente, que não aparece nos **Collected Poems**, e brande o livralhaço enorme, capas vermelhas.

Bom, o resto é showbiz, e do melhor que vi até hoje. Este homem já com os seus cinquenta e tal anos, acompanhado de um músico que não era nada mau, parecia uma estrela rock. Ou, pela idade, o equivalente aos velhos bluesmen, batendo com os pés no soalho, acompanhando as suas palavras e a guitarra acústica com um velho harmónio bastante monocórdico até pouco, mas mais contemporâneo desde que Dylan, um amigo seu, lhe explicou como escrever e tocar canções com três acordes.

Fiquei maravilhado com tanta energia, com a maneira inteligente como Ginsberg soube cativar a sua audiência, ora dizendo longos poemas num silêncio que a sua voz cortava como quem corta manteiga, ora levando-nos ao paroxismo em canções que, na Diante daquele homem, dos verdadeiros, não se perfilava nenhum resquício de ridículo, tudo era natural e tinha que ser assim para que do poeta ao público a palavra pudesse passar, as emoções reaparecessem vivas como no primeiro minuto, a comunhão pudesse ser efectiva e activa.

Cantou poemas indecentes com o mesmo à vontade com que disse misteriosamente certos poemas dedicados aos pais, sobretudo, ao pai. Para mim, pobre português, habituado à vergonha e a uma pretensa dignidade das Letras, foi uma explosão de alegria. Saber que nestas paragens a poesia está viva consolou-me de todos os nefastos pontapés naquele sítio onde mais nos dói! Saí sonhador. Trazia ainda nos ouvidos o último e acmástico sing-a-long com que terminou o espectáculo. Pensar que por aí, nessa Europa perdida de velhice, há tanta gente que torce o nariz perante a palavra espectáculo! Misturar tal coisa com a Poesia, a maiúscula não é por acaso, que horror! Que beleza, digo eu.

Silva Carvalho

Diário de Lisboa (Ler/Escriver)

(6-3-1986)

Depois do UIVO

«Os poetas modernos, com efeito, retomam tradições mais antigas: a prosódia grega que, apoiando-se na amplitude das vogais, punha a ênfase no carácter vocal da poesia. Essa noção vocálica da poesia é a mais antiga no mundo. De início a própria tradição homérica não era escrita. A ideia da poesia como uma coisa impressa e lida só por universitários e especialistas, ao serão, junto da lareira, constitui uma noção moderna que data apenas da invenção da Imprensa. Durante cerca de 40 mil anos o que tivemos foi uma poesia oral, como a dos bardos.

«Com o tempo talvez me tenha tornado um pouco mais prático e um pouco menos «espiritual» ou «nebuloso». Na verdade, a espiritualidade está relacionada com a respiração: a poesia é uma coisa assente na própria respiração.

«Como William Carlos Williams disse: ‘Um mundo novo significa apenas um novo espírito’. Ou William Blake: “A vista transmuta tudo”. **Os ouvidos que escutam compreendem tudo melhor, costume eu dizer...**»

Extraído de uma entrevista
concedida por A. Ginsberg
a um jornal de Santa Bárbara,
Califórnia (Novembro de 1985)

Publicado *in* Diário de Lisboa – Ler/Escriver – 06-03-1986

